

## **Contributos para um Portugal melhor**

Os diversos problemas com que se deparam as Pequenas e Médias Empresas (PME) e a luta que travam diariamente pela sua sobrevivência devem merecer a atenção de todos.

A sua importância no tecido empresarial, nem sempre é devidamente explicada mas a realidade é que existem 300 000 empresas deste tipo em Portugal, representando 99,6% do total de empresas e 75% dos postos de trabalho efectivos.

Na verdade, muitas destas empresas são geridas de forma empírica, ao sabor da intuição dos patrões, que como começaram a trabalhar muito cedo, não se apetrecharam dos conhecimentos de gestão necessários para tomar as melhores decisões de uma forma sistemática.

A sociedade deve reconhecer o valor destes homens, que não tiveram receio de arriscar, gerando riqueza e criando postos de trabalho. Por sua vez, estes empreendedores também devem ter a humildade de reconhecer que não sabem tudo e que poderão adquirir muitas ferramentas úteis se tiverem formação em áreas de gestão, em vez de insistirem em suportar a competitividade dos seus negócios quase exclusivamente nos baixos salários que pagam aos trabalhadores.

Se até aqui, o custo da mão-de-obra nacional era uma vantagem competitiva em relação aos outros países europeus, a abertura à Europa de Leste, mudou o paradigma e tornou os nossos trabalhadores dispendiosos. Torna-se portanto fundamental evoluir dos sectores de actividade de mão-de-obra intensiva, para empresas de base tecnológica que se distingam pela diferenciação e pelo valor acrescentado da sua actividade.

Para potenciar essa transformação, proponho que mediante o volume de investimento em Formação e em Inovação e Desenvolvimento, as taxas de IRC aplicadas às empresas sejam divididas por escalões e possam diminuir até aos 18% nas PME e 20% nas grandes empresas. Por exemplo, uma empresa que invista até 2 % do volume de facturação nestas áreas estaria num escalão. Se investisse entre 2 e 4% noutra e por aí fora.



Esta medida não só incentivaria o investimento em formação e na investigação (onde continuamos a estar muito atrasados), como acima de tudo esses investimentos seriam muito mais eficientes pois focar-se-iam nas reais necessidades das empresas e deixariam de estar condicionados aos formatos desajustados dos projectos co-financiados pela Europa, como acontece até agora.

Se complementarmente, o Estado pagar o que deve a tempo e horas e começar a cobrar o IVA no momento em que as empresas efectivamente recebem e não no momento em que facturam, creio que Portugal tornar-se-ia novamente atractivo aos olhos dos investidores nacionais e estrangeiros.

No dia em que os empresários deixarem de fechar fábricas em Portugal para as irem abrir na Roménia ou Eslováquia, estaremos no bom caminho.

## **José Moreira**

Escrito por

Quinta, 24 Setembro 2009 14:16 - Actualizado em Quinta, 24 Setembro 2009 14:31

---

No dia em que nós nos sentirmos aliciados a arriscar, a constituir a nossa própria empresa e a criarmos postos de trabalho, teremos encontrado a solução...